

Geração nem-nem: uma análise dos jovens nas regiões brasileiras em 2023

The neither-nor generation: an analysis of young people in brazilian regions in 2023

Resumo: A inserção dos jovens no mercado de trabalho brasileiro é um tema central de pesquisadores e formuladores de políticas públicas devido às desigualdades econômicas e sociais do país que afetam o nível de escolaridade e as condições de permanência desses jovens no mercado. O objetivo do estudo foi analisar os fatores que influenciam a condição de “nem-nem” (nem estudam, nem trabalham) dos jovens nas diferentes regiões brasileiras, utilizando um modelo *logit multinomial* com dados da PNADC de 2023. Os resultados mostraram que os jovens negros e de regiões menos desenvolvidas têm maior probabilidade de estar fora da escola e do trabalho. Conclui-se que políticas públicas que preparem melhor os jovens, com acesso à educação de qualidade são essenciais para manter os jovens na fase de aprendizagem e garantir sua futura inserção no mercado de trabalho, proporcionando melhores oportunidades e salários.

Palavras-chave: Jovens; Mercado de trabalho; logit multinomial.

Abstract: *The insertion of young people in the Brazilian job market is a central theme for researchers and public policy makers due to the country's economic and social inequalities that affect the level of education and the conditions for these young people to remain in the market. The objective of the study was to analyze the factors that influence the “neither-nor” status (neither studying nor working) of young people in different Brazilian regions, using a multinomial logit model with data from the 2023 PNADC. The results showed that young people blacks and those from less developed regions are more likely to be out of school and work. It is concluded that public policies that better prepare young people, with access to quality education, are essential to keep young people in the learning phase and guarantee their future insertion in the job market, providing better opportunities and salaries.*

Keywords: Youth; Labor market; multinomial logit.

Classificação JEL: C25; J21.

Maria Alice Ferreira dos Santos¹

Camila Lins Rodrigues²

Isabela Almeida dos Santos³

Emerson Costa dos Santos⁴

Maria Ivanilde Pereira Santos⁵

Lavinia Gonçalves Santos⁶

¹ Universidade Estadual de Montes Claros.
E-mail: maria.alice@unimontes.br

² Universidade Estadual de Montes Claros.
E-mail: milalins82@gmail.com

³ Universidade Federal de Viçosa.
E-mail: isaalmeida0809@outlook.com

⁴ Universidade Estadual de Montes Claros.
E-mail: emerson.santos@unimontes.br

⁵ Universidade Estadual de Montes Claros.
E-mail: maria.ivanilde@unimontes.br

⁶ Universidade Estadual de Montes Claros.
E-mail: lavinia.goncalves222@gmail.com

1. Introdução

O mercado de trabalho brasileiro sempre se caracterizou pela presença de problemas estruturais graves como renda média baixa e desigual, alto nível de informalidade e rotatividade, e elevadas taxas de desemprego. Tais condições não se reproduzem de forma homogênea na sociedade e no território nacional. Existem grupos mais vulneráveis expostos a trabalhos mais precários, com maior nível de insegurança e menor nível de renda, como mulheres, negros e jovens, ao mesmo tempo em que algumas regiões do país apresentam, historicamente, maiores taxas de desemprego e maior incidência de empregos precários.

Destaca-se, neste contexto, a inserção problemática dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. Este grupo enfrenta maiores dificuldades para obtenção de emprego, principalmente quando se trata da primeira oportunidade. Além disso, condições socioeconômicas desfavoráveis e níveis de escolaridade baixos determinam a trajetória da maioria desses jovens (LEONE; PRONI, 2021).

Os benefícios que as famílias recebem por enviar seus filhos ao trabalho são os salários recebidos pelos jovens e a redução nos gastos com educação. Por outro lado, os custos da entrada precoce no mercado de trabalho podem ser contabilizados pelos menores salários que os jovens receberão na fase adulta, por possuírem baixa escolaridade. Como os jovens dependem primariamente de suas famílias, situações de desemprego ou subemprego do provedor da família podem limitar as escolhas dos jovens e condicionar sua posição no mercado de trabalho (Oliveira e Rosa, 2007).

Desta forma, muitos jovens deixam de estudar para poder trabalhar e contribuir para a renda familiar, ou tentam conciliar estudo e trabalho. Poucos conseguem só se dedicar aos estudos. E há, ainda, o grupo que abandona os estudos, mas não consegue ou não deseja se inserir no mercado de trabalho, assumindo a condição de não estudar e nem trabalhar (os jovens nem-nem). Trata-se, portanto, de um círculo vicioso de reprodução de desigualdades: baixo nível de renda, baixo nível educacional, desemprego ou inatividade, inserção precária no mercado de trabalho, e manutenção do baixo nível de renda.

É importante ressaltar que a incidência destes elementos estruturais é agravada pelo atual cenário desafiador do capitalismo global, caracterizado pelo avanço de novos paradigmas tecnológicos, pelo aumento da competitividade internacional, pela promoção da reestruturação econômica e pela demanda crescente por mão de obra especializada (LEONE; PRONI, 2021)

As estatísticas nacionais reforçam a evidência de que os jovens brasileiros compõem um grupo extremamente vulnerável dentro do mercado de trabalho. A taxa de desemprego entre os jovens é geralmente bem maior do que a verificada para o total da População Economicamente Ativa (PEA). Para o período de janeiro de 2003 até setembro de 2010, a média da taxa de desemprego registrada pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para as seis principais regiões metropolitanas (RMs) brasileiras foi de 7,01%. Entre os indivíduos na faixa etária de 25 até 65 anos, 4,85% se encontravam desempregados nesse mesmo período, enquanto para os jovens com idade entre 18 e 24 anos a taxa de desemprego foi de 17,21% (Reis, 2013).

Considerando os jovens que estão na força de trabalho, observa-se que a taxa de desemprego dos jovens de 15 a 29 anos no Brasil foi de 14,2% no primeiro trimestre de 2024, que embora ainda alto, apresentou uma melhora quando comparado ao último trimestre de 2019 (19,9%). No primeiro trimestre de 2024, o Nordeste foi a região que registrou a maior taxa de desemprego entre jovens dessa faixa etária, com 19,7%, e as menores taxa foram reportadas no Sul (9,0%) e no Centro Oeste (11,2%) (IBGE, 2024).

Conforme dados do IBGE (2024), verificou-se também que as taxas de desemprego

no Nordeste, independente da faixa etária analisada, são maiores do que nas demais regiões e no Brasil. Entre os jovens de 18 a 24 anos que estavam na força de trabalho Nordestina no primeiro trimestre de 2024, aproximadamente, 23,7%, estavam buscando emprego. Essa taxa foi muito superior as observadas no Sul (10,1%), Centro Oeste (13,3%), Sudeste (16%) e Norte (17,2%). É importante notar que a baixa taxa de desemprego entre jovens de 15 a 17 anos no Norte se deve ao fato de que nesta região a maior parte dos adolescentes não oferta sua mão de obra no mercado de trabalho.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi analisar os fatores que influenciam a alocação de tempo entre os jovens nas regiões brasileiras entre estudar e/ou trabalhar, com foco na geração nem-nem. Para tanto, um modelo *logit* multinomial foi utilizado na estimação das probabilidades de os jovens trabalharem e/ou frequentarem a escola condicionada às características individuais, familiares e demográficas, a partir de dados da PNAD de 2023, para a faixa etária de 15 a 29 anos.

O trabalho está subdividido em três seções além desta introdução e das considerações finais. A segunda seção trata de uma breve revisão de literatura sobre o tema proposto. Na terceira seção são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o tratamento dos dados, além de algumas considerações sobre as peculiaridades do plano amostral adotado. A quarta seção apresenta os resultados e discussões.

2. Revisão de literatura

Diversos estudos internacionais sobre mercado de trabalho têm se dedicado a compreender as condições de inserção dos jovens. A pesquisa do National Research Council (2005) apontou três padrões internacionais de uso do tempo entre os jovens, com diferenças importantes segundo sexo e idade com diferenças significativas entre a forma que homens e mulheres gastam seu tempo de trabalho: desconsiderando a idade, os homens estão mais propensos a trabalhar em atividades econômicas e as mulheres em atividades não econômicas; o tempo total dedicado ao trabalho, tanto no mercado de trabalho quanto nas atividades não econômicas no domicílio, aumenta com a idade, tanto para os homens quanto para as mulheres; as mulheres tendem a trabalhar mais horas do que os homens, os quais apresentam mais tempo para o lazer.

Ainda segundo o estudo, o padrão de inserção no mercado de trabalho apresenta diferenças entre jovens de 15 a 19 anos, de acordo com a carga horária escolar: quanto maior o tempo de permanência diária na escola (maior carga horária), menor o tempo disponível para o trabalho (TOMÁS, 2007).

Outro estudo de destaque é o de Menezes-Filho (2002), que examinou os determinantes microeconômicos e macroeconômicos das decisões de alocação de tempo de adolescentes de 17 países da América Latina. O autor verificou que a renda familiar e a educação dos pais são as variáveis mais importantes na decisão de alocação do tempo dos jovens, e que países com maiores PNB *per capita* possuem uma proporção maior de adolescentes que estudam e não trabalham.

Bukowshi e Lewandowski (2005) analisaram indicadores do mercado de trabalho na Polônia entre 1997-2004, cenário em que duas crises econômicas atingiram o país. Utilizando o modelo *logit multinomial*, os autores verificaram que a probabilidade de abandonar a condição de desemprego aumentou com o nível educacional. E, ao analisar as faixas etárias, verificaram que os indivíduos entre 15 e 24 anos apresentaram maior chance (em torno de 20%) de permanecerem inativos em comparação com os indivíduos de 25 a 34 anos.

Ollikainen (2006) analisou as diferenças de gênero no mercado de trabalho na Finlândia, no ano de 1996, com base em um modelo *logit multinomial*. Os resultados

indicam que a posição das mulheres no mercado de trabalho é inferior à dos homens e que os resultados das mulheres no mercado de trabalho respondem melhor às características do contexto familiar. Observou-se que o desemprego anterior é particularmente marcante na posição masculina no mercado de trabalho. De acordo com os resultados, a educação melhora significativamente a posição das mulheres no mercado de trabalho, de modo que o ensino superior diminui as diferenças de gênero no mercado de trabalho e é, portanto, um fator equalizador.

No Brasil, há diversos estudos que tratam dos determinantes da alocação do tempo entre jovens, envolvendo as decisões entre estudo e trabalho. Assim como apontam Camarano *et al.* (2004), a entrada do jovem no mercado de trabalho caracteriza a transição do mesmo para a vida adulta e, portanto, trata da passagem da inatividade para a atividade econômica, já que possibilita a independência financeira dos jovens, incluindo a possibilidade de ele sair do domicílio de origem e formar uma nova família, caracterizando o final do processo da transição para a vida adulta.

Sabe-se que em países marcados por elevadas desigualdades sociais, essa transição é influenciada por diversos fatores. Grande parte dos estudos nacionais aponta que a renda familiar e a escolaridade dos pais são as principais variáveis que influenciam a decisão entre estudar e/ou trabalhar dos filhos.

Leme e Wajnman (2000) afirmam que pais mais educados e famílias mais ricas aumentam a probabilidade de o jovem frequentar a escola. Estas mesmas variáveis são as que mais afetam, mas em sentido oposto, a decisão de só trabalhar. Os autores ainda encontraram um efeito significativo da posição na ocupação do chefe da família sobre as decisões dos filhos, com efeitos diferentes ao longo do tempo. Em 1981, para um chefe de família que fosse conta própria ou empregador, os filhos entre 15 e 19 anos apresentavam maior probabilidade de estudar sem trabalhar. Já em 1996, ser filho destes tipos de ocupados diminuía a probabilidade de não trabalhar e só estudar e aumentava a de trabalhar e estudar, principalmente para as faixas etárias mais baixas (10 a 14 anos).

Silva e Kassouf (2002) analisaram os determinantes da inserção de jovens no mercado de trabalho brasileiro com base em dados da PNAD referente ao ano de 1998. Para tanto, os autores realizaram a estimação de um modelo *logit multinomial* considerando-se a possibilidade de os jovens, do sexo masculino e feminino, residentes em áreas urbanas e rurais, estarem inseridos em três categorias: inativo, empregado e desempregado. Os resultados mostraram que quanto maior o nível educacional maior é a probabilidade de o filho estudar, indiferente de ele trabalhar ou não. Além disso, a escolaridade do chefe da família diminui a probabilidade de o jovem só trabalhar, só cuidar dos afazeres domésticos ou não ter nenhuma das três atividades.

Oliveira (2005), ao analisar a alocação do tempo dos jovens, encontrou uma relação negativa entre o fato de o jovem trabalhar e a educação de seus pais e uma relação positiva entre a educação dos filhos e a educação de seus pais. Do mesmo modo, Tomás (2006) encontrou um efeito negativo e significativo para as três faixas etárias estudadas, 10 a 14, 15 a 19, e 20 a 24 anos, indicando que, quanto maior a escolaridade da mãe, maior é chance da criança e do jovem estarem apenas estudando, em detrimento de estar trabalhando e/ou cuidando dos afazeres domésticos.

Mello (2005), por sua vez, ao analisar características do momento de transição da juventude para a vida adulta, encontrou diferenças entre mulheres de acordo com os segmentos de renda. Isto é, entre as mulheres jovens e nas faixas de renda mais baixas, houve uma antecipação da idade mediana em que elas saem de casa e têm filhos, apontando para um processo de transição mais precoce. Por outro lado, as mulheres nas faixas de renda mais elevadas tendem a permanecer mais tempo na casa dos pais e a adiar o momento de ter filhos.

Bastos (2006) analisou como a conjuntura econômica influenciou a ocupação e

o desemprego de jovens, homens e mulheres, no período de 1993 a 2004, na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). O autor concluiu, através da estimação de modelos econométricos, que o sexo e a dinâmica econômica apresentaram efeito significativo na determinação da ocupação e no desemprego de jovens, destacando que as piores condições se apresentavam para indivíduos do sexo feminino.

Tomás (2007) analisou a dinâmica de ingresso de jovens no mercado de trabalho em seis regiões metropolitanas brasileiras – Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre – nos anos de 1982, 1983, 1991, 1992, 2000 e 2001. A autora utilizou recursos econométricos para sua análise, com destaque para o modelo *logit multinomial*. Os resultados indicaram que características individuais, como o sexo, a escolaridade e a idade, além de recursos familiares disponíveis e o período apresentaram influência significativa nas condições de inserção dos jovens no mercado de trabalho nestas localidades.

Com base em dados da PNAD 2011, ajustados a um modelo *logit multinomial*, Tillmann e Comim (2016) investigaram os determinantes da decisão dos jovens entre trabalhar e estudar, considerando as ocupações remuneradas e as atividades doméstica não remuneradas. Assim, encontraram que, para as ocupações remuneradas, a educação dos pais e a renda familiar são os fatores mais importantes sobre a decisão de acumulação do capital humano dos jovens. Já para ocupações domésticas sem remuneração, ser mulher, ter baixa escolaridade, ser casada, ter filhos e viver no meio rural são os principais fatores de risco para permanecer na condição “nem-nem”.

Percebe-se que os diferentes estudos realizados apresentam conclusões comuns, que refletem padrões de reprodução de desigualdades e discriminação. Jovens mulheres ou jovens não-brancos apresentam mais chance de permanecer na condição nem-nem. Por outro lado, jovens de famílias com maiores rendas per capita têm mais chances de optar por só estudar, o que implica em postergação de entrada no mercado de trabalho, e chances de obtenção de empregos com maiores salários, além da probabilidade de permanecerem menos tempo desempregados. Reforça-se também que a região onde o jovem está inserido também influencia a probabilidade de permanecer nem-nem.

3. Metodologia

3.1. Variáveis e fonte de dados

Para analisar os fatores que influenciam a decisão dos jovens de 15 a 29⁷ anos entre estudar e/ou trabalhar, foi utilizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2023. A pesquisa, realizada anualmente (exceto em anos de censo) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem como finalidade produzir informações sobre os padrões sociais e econômicos dos indivíduos e permitem o estudo do desenvolvimento socioeconômico do país. A PNAD é baseada em amostra probabilística de domicílios em âmbito nacional. Os dados que compõem esta pesquisa são obtidos de uma amostra de milhares de indivíduos, onde se têm detalhes da vida socioeconômica de cada um, tais como rendimento do trabalho, renda não salarial, raça, nível de escolaridade, idade, dentre outros.

Para a criação da variável dependente, que indica a situação em que o indivíduo se encontra em relação ao estudo e/ou trabalho, foram classificados como trabalhadores todos os indivíduos de 15 a 29 anos de idade que trabalharam ou tinham emprego na semana de referência da pesquisa em setembro de 2023. Como estudantes, foram considerados os indivíduos que frequentavam alguma instituição de ensino na mesma data. A partir disso, classificaram-se ainda os indivíduos que estudavam e trabalhavam, e, os indivíduos que não estudavam e não trabalhavam na semana de referência. Foram

⁷ Quanto à definição da faixa etária de jovem para participar do mercado de trabalho no Brasil, esta é bastante ambígua, pois depende de qual ótica estar se empregando. O presente estudo considerou o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 2013) que demarcou a faixa etária de 15 a 29 anos como alvo de ações relacionadas à efetivação de direitos da juventude, ampliando escopos anteriores que delimitavam o grupo na faixa de 15 a 24 anos (Santos, 2016, p. 2).

considerados apenas moradores das regiões brasileiras, gerando uma amostra de 75.415 indivíduos.

3.2. O modelo analítico

O método utilizado neste estudo está baseado nos modelos de escolhas qualitativas. Dentre estes métodos, mencionam-se os modelos *probit* e *logit*. Conforme Gujarati e Porter (2011), tais modelos, quando utilizados em sua forma tradicional, apresentam a variável dependente binária. Entretanto, quando a variável dependente assume mais de duas categorias, é necessária a utilização de métodos mais específicos, caso do modelo *logit multinomial*, o qual é usado neste estudo para analisar os fatores determinantes da decisão de estudar e/ou trabalhar entre jovens de 15 a 29 anos. Esse modelo parte do pressuposto de que as decisões de estudar ou não, e trabalhar ou não, são tomadas simultaneamente.⁸

Neste modelo, o objetivo é explicar a probabilidade de escolha da alternativa j (estuda, trabalha, estuda e trabalha, nem estuda e nem trabalha) em que a p_j é função das características dos indivíduos, condicional a um conjunto de regressores x_i . Especificamente, a probabilidade é determinada por

$$p_{ij} = \Pr(y_i = j | x_i) = F_j(x_i, \beta), j = 1, \dots, m \text{ e } i = 1, \dots, N \quad (1)$$

em que y_i é a variável aleatória que indica a situação em que o indivíduo se encontra com relação ao trabalho, sendo $y_i = 0$ se não estiver trabalhando e nem estudando; $y_i = 1$, se estiver trabalhando; $y_i = 2$, se estiver estudando; e $y_i = 3$, se estiver trabalhando e estudando; β representa o vetor de parâmetros a serem estimados que refletem o impacto das alterações em x_i na probabilidade de o indivíduo se encontrar numa das quatro situações; e $F_j(\cdot)$ é a forma funcional do modelo. Um aspecto relevante é o fato de a variável dependente apresentar-se na forma discreta.

A regressão *logit* multinomial é usada quando a variável dependente em questão é nominal, sendo que o conjunto de categorias não pode ser ordenado de forma significativa, e é constituída por mais de duas categorias. Conforme Greene (2008) e Cameron e Trivedi (2009), utilizando a função logística e normalizando-a em relação a uma das possíveis situações em que o indivíduo se encontre, tem-se

$$p_{ij} = \Pr(y_i = j | x_i) = \frac{e^{x_i' \beta_j}}{1 + \sum_{j=1}^m e^{x_i' \beta_k}}, j = 1, 2, \dots, J \quad (2)$$

Os *J log-odds ratio* ou razão de chances podem ser calculados, a partir do modelo especificado na expressão (2), pela seguinte expressão:

$$\ln \left[\frac{p_{ij}}{p_{ik}} \right] = x_i' (\beta_j - \beta_k) = x_i' \beta_j, \text{ se } k = 0 \quad (3)$$

⁸ Freije e Lopez-Calva (2000) estimam outros modelos baseados em estruturas alternativas de decisão, além desse modelo. Os autores estimam modelos do tipo *probit* bivariado e *probit* sequencial e mostram que: a) o poder explicativo varia muito pouco entre as três classes de modelos considerados; e b) os resultados não apresentam grandes variações entre uma classe e outra.

O modelo *logit* multinomial, geralmente, é estimado pelo método de Máxima Verossimilhança (MV), que pressupõe que as observações da amostra resultem de processos aleatórios independentes e identicamente distribuído (iid). Entretanto, esta hipótese, não é adequada quando se utilizam dados amostrais complexos, como

os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), utilizados neste estudo; a estimação por MV levaria a estimativas incorretas dos erros-padrão e, consequentemente, dos testes de hipótese. Dessa forma, a estimação será feita pelo método da Máxima Pseudo-Verossimilhança (MPV), que possibilitará a obtenção apropriada dos erros padrão.

Conforme Greene (2008), os coeficientes estimados não representam diretamente as respostas marginais das variáveis explicativas e são de difícil interpretação. Assim, é necessário calcular os efeitos marginais para analisar corretamente os resultados. Estes são obtidos pela diferenciação de (2), tal que:

$$\delta_{ij} = \frac{\partial p_{ij}}{\partial x_i} = p_{ij} \left[\beta_j - \sum_{j=1}^m p_{ij} \beta_k \right] = p_{ij} \left[\beta_j - \bar{\beta}_i \right] \quad (4)$$

em que, $\bar{\beta}_i = \sum_{j=1}^m p_{ij} \beta_j$ é a probabilidade média de β_j .

O efeito marginal (EM) varia com o ponto de estimação, x_i , uma vez que p_{ij} varia com x_i . Para cada x_i particular, o efeito marginal, $\partial p_{ij} / \partial x_i$, não necessariamente terá o mesmo sinal de β_{jk} , sendo que, o efeito marginal será positivo se $\beta_j > \bar{\beta}_i$. Os erros-padrão podem ser estimados usando o método delta. Cabe ressaltar que para cada regressor, há m EMs que correspondem a cada uma das m alternativas e que somam 0, dado que as probabilidades somam 1 (um).

O modelo a ser estimado pode ser descrito conforme equação (5):

$$L_i = \alpha_1 + \alpha_2 RDpc_i + \alpha_3 Inst_{1i} + \alpha_4 Idade_i + \alpha_5 sexo_i + \alpha_6 CD_{1i} + \alpha_7 CD_{2i} + \alpha_8 CD_{3i} + \alpha_9 Raça_{1i} + \alpha_{10} Tamanho_{1i} + \alpha_{11} Área_{1i} + \mu_i \quad (5)$$

Em que L é uma variável aleatória que indica a situação do indivíduo, assumindo o valor 0 (zero) caso o jovem não trabalhe e não estude, 1 caso o jovem só estude, 2 caso o jovem só trabalhe e 3 caso o jovem trabalhe e estude; α_j ($j = 1$ a 12) são os parâmetros a serem estimados; $RDpc$ é a renda domiciliar *per capita* de todas as fontes; $Inst_{1i}$, variável discreta indicando a escolaridade, em anos de estudo do jovem; $Idade$ são os anos de vida do indivíduo; $sexo$ é uma variável qualitativa que indica o sexo do indivíduo, assumindo valor 1 para masculino e 0 para feminino; CD_i ($i = 1$ a 3) são variáveis *dummies* relativas à posição do jovem no domicílio, sendo o grupo-base formado pelo chefe ou pessoa de referência do domicílio; CD_{1i} , cônjuges; CD_{2i} , filhos; e CD_{3i} , outras; $Raça_{1i}$ é a variável *dummy* que indicam a raça do indivíduo, terá valor 1 se o indivíduo for branco; $Tamanho_{1i}$ é a variável tamanho da família; e, $Área_{1i}$ é a área de residência que assume valor 1 se o for urbana e 0 rural e μ_i , termo de erro aleatório com média 0 (zero) e variância constante. Essas variáveis são geralmente utilizadas na literatura, como nos estudos de Fernandes e Picchetti (1999), Menezes- Filho e Picchetti (2000), Silva e Kassouf (2002) e Moreira e Teixeira (2015) para representar as características individuais.

4. Resultados e discussão

Inicialmente, considerou-se uma análise para o Brasil, e posteriormente realizou-se uma análise pormenorizada considerando as regiões brasileiras. Após considerar apenas as famílias que possuem jovens entre 15 e 29 anos de idade, a amostra final foi composta por, aproximadamente, 77,6 mil observações para o Brasil. A Tabela 1 apresenta a distribuição dos jovens por situação ocupacional e/ou educacional no Brasil e por região geográfica.

Tabela 1 - Proporção de jovens por situação ocupacional e/ou educacional no Brasil e por região geográfica (em %) em 2023.

Categorias	Brasil	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	Norte
Nem-nem	24,03	31,56	20,12	18,09	15,12	26,24
Só estuda	27,56	30,1	26,42	25,13	22,63	30,35
Só trabalha	36,57	30,14	40,82	41,46	44,36	33,23
Trabalha e Estuda	11,84	8,2	12,63	15,32	17,9	10,18
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria com base na PNADC/IBGE, 2023.

Como pode observar-se pela Tabela 1, a proporção de jovens entre 15 e 29 anos que não estudam e não trabalham ("nem-nem") é em média de 24% para o Brasil, sendo que a concentração de jovens sem exercer nenhuma atividade é de 31,56% para o Nordeste, 20,12% para o Sudeste, 18,09% para o Centro-Oeste, 15,12% na região Sul e 26,24% no Norte.

Para o segundo resultado da variável dependente, só estudam, em ordem decrescente, as regiões com maior concentração de jovens que apenas estudam foi a Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul, respectivamente. Com relação à terceira categoria, só trabalham, em ordem decrescente, as regiões com maior concentração de jovens que apenas trabalham foi a Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste, respectivamente. Com relação à última categoria considerada, trabalha e estuda, a proporção de jovens em tal situação foi maior na região Sul (17,90%), seguido da região Centro-Oeste (15,32%), Sudeste (12,63%), Norte (10,18%) e, por fim, 8,2% no Nordeste.

A Tabela 2 apresenta a proporção de jovens segundo características socioeconômicas por situação ocupacional e/ou educacional no Brasil, calculadas para a amostra utilizada nesta pesquisa. Destaca-se que foram apresentadas as médias incondicionais, ou seja, valores baseados em toda a amostra.

Observa-se, na Tabela 2, que a maioria das mulheres se concentram nas categorias "nem-nem" (14,97%) e "só estuda" (14,18%) superando a proporção de jovens do sexo masculino. Em relação à raça, a maior parte da amostra se concentra em jovens declarados pardos, em seguida dos brancos e negros para todas as categorias. Por faixa etária, verifica-se que os jovens de 15 a 19 anos de idade possuem as menores chances de ser "nem-nem", enquanto aqueles entre 20 e 24 anos possuem praticamente a mesma proporção que os jovens entre 25 e 29 anos. Na categoria "só estuda" esta proporção é maior para os jovens de 15 a 19 anos; na categoria "só trabalha" é de 25 a 29 anos e na categoria "estuda e trabalha" é de 20 a 24 anos.

Em relação à condição do jovem no domicílio, em todas as categorias, verificou-se que a maioria é filho no domicílio, sendo 11,45 % na categoria "nem-nem", 20,6% na categoria "só estuda", 15,74% na categoria "só trabalha" e 7,38% na categoria "estuda e trabalha". A área de residência predominante é a zona urbana com, aproximadamente, 74,8% da amostra, sendo a maior parte dos jovens concentrados nas categorias "só trabalha" (28,2%), "só estuda" (20,65) e "nem-nem" (16,24%).

Tabela 2 - Proporção de jovens segundo características socioeconômicas por situação ocupacional e/ou educacional no Brasil (em %) em 2023.

Categoria	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha	Total
Atributo	%				
Sexo					
Feminino	14,97	14,18	13,98	5,71	48,84
Masculino	9,06	13,38	22,59	6,13	51,16
Raça					
Branca	6,69	10,02	13,33	5,42	35,46
Negra	2,59	2,36	3,96	1,03	9,94
Amarela	0,14	0,13	0,16	0,06	0,49
Parda	14,43	14,88	18,93	5,29	53,53
Outras	0,18	0,17	0,19	0,04	0,58
Idade					
15 a 19 anos	5,32	22,11	3,78	4,36	35,57
20 a 24 anos	9,82	4,08	14,4	4,59	32,89
25 a 29 anos	8,89	1,37	18,39	2,89	31,54
Condição do jovem no domicílio					
Chefe	4,68	1,06	9,56	1,79	17,09
Cônjuge	4,09	0,47	5,99	0,78	11,33
Filho	11,45	20,6	15,74	7,38	55,16
Outros	3,82	5,44	5,28	1,89	16,42
Área de residência					
Urbana	16,24	20,62	28,2	9,72	74,78
Rural	7,79	6,94	8,37	2,12	25,22
Região					
Sul	2,62	3,46	6,79	2,74	15,61
Sudeste	4,78	6,77	10,69	3,35	25,59
Centro-Oeste	1,88	2,64	4,19	1,55	10,26
Nordeste	11,25	10,64	10,46	2,84	35,19
Norte	3,5	4,05	4,44	1,36	13,35
Médias					
Anos de Estudo	10,51	10,12	11,6	12,38	11,02
Renda <i>per capita</i> domiciliar (R\$)	801,95	1234,73	1613,01	1234,34	1361,85
Tamanho da família	3,9	4,07	3,56	3,62	3,81

Fonte: Elaboração própria com base na PNADC/IBGE, 2023.

Em relação às regiões brasileiras, observa-se que a região Nordeste apresenta uma maior proporção de jovens “nem-nem” (11,25%) e jovens que “só estudam” (10,64%). A região Sudeste concentra a maior proporção de jovens que “só trabalham” (10,69%) e “estudam e trabalham” (3,35%). Por nível de escolaridade, a média de anos estudos dos jovens nas categorias “nem-nem” e “só estuda” é de, aproximadamente, 10 anos; na categoria “só trabalha” é de, aproximadamente, 11 anos e meio e para a categoria “estuda e trabalha” é de 12 anos. Pelo tamanho da família, verifica-se que, de forma geral,

a média da amostra e por categoria mostrou-se homogênea com, aproximadamente, 4 integrantes.

Ao analisar a renda domiciliar *per capita* média, verificou-se uma média para o total da amostra de, aproximadamente, R\$1.300,00, sendo de R\$1.600,00 para a categoria “só trabalha”, maior média e de R\$800,00 para a categoria “nem-nem”. Estudos como de Reis e Camargo (2007), evidenciaram que aposentadorias e pensões, ao aumentarem a renda domiciliar *per capita*, estão relacionadas a uma maior proporção de jovens estudando e a uma menor participação no mercado de trabalho. Dependendo do tamanho desses benefícios, no entanto, isso também pode levar a um aumento na probabilidade de os jovens serem “nem-nem”. Os resultados sugerem que a existência de restrição de liquidez no domicílio explica parcialmente por que muitos jovens estão fora da escola ou fora do mercado de trabalho.

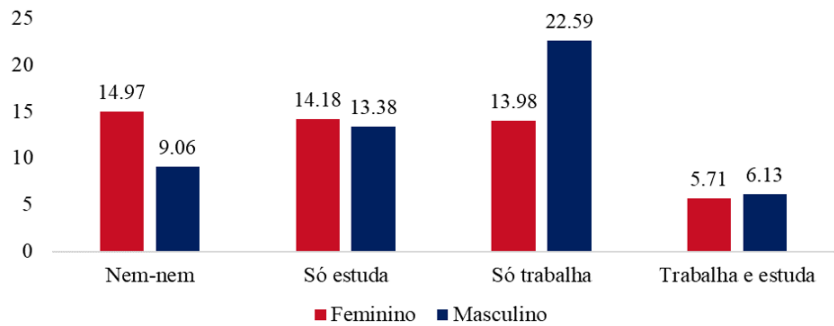
Como pode ser visto na Figura 1, observa-se que a proporção de jovens “nem-nem” apresentou comportamento diferenciado entre homens e mulheres. Para os jovens de sexo masculino é de 9,06%, enquanto que para os jovens do sexo feminino é de 14,97%. Esse grupo só inspira preocupação se sua condição não é fruto de escolhas pessoais e sim resultado da falta de opções para cuidado dos filhos enquanto essas mulheres trabalham ou estudam. Para os jovens que só estudam, a proporção é alta, tanto para os jovens do sexo masculino (13,38%) quanto para os jovens do sexo feminino (14,18%). A categoria de jovens que só trabalha também apresentou proporção alta, com os jovens do sexo masculino representando 22,59% e do sexo feminino 13,98%. Esta análise sinaliza que quase um quinto dos jovens do sexo masculino não está dando continuidade aos estudos, e, portanto, decidindo entrar no mercado de trabalho. Em contraste, uma pequena parcela desses jovens trabalha e estuda simultaneamente. Portanto, a grande maioria dos jovens ou só estudam ou só trabalham, sendo a combinação de trabalho com o estudo, restrita a uma parcela menor de jovens analisados.

A Tabela 3 apresenta os primeiros resultados considerando o país como um todo. Considerou-se os coeficientes estimados normalizados em relação à probabilidade de o jovem não estudar e não trabalhar, categoria base. Ressalta-se que, em geral, a magnitude dos coeficientes não tem significado econômico, sendo de difícil interpretação por não representarem diretamente as respostas marginais. Diferentemente de modelos lineares, modelos de probabilidade necessitam da estimativa dos efeitos marginais para a análise das variáveis explicativas sobre a variável dependente de interesse, que não necessitam de uma categoria base para interpretação (Greene, 2003). Desse modo, cada parâmetro estimado pela variável explicativa revela a influência direta sobre a categoria da variável dependente analisada.

Os resultados mostraram que a partir da decisão do jovem de não estudar e não trabalhar, objeto deste estudo, percebe-se inicialmente que a idade tem relação positiva com esta escolha, ou seja, à medida que o jovem envelhece as chances de não trabalhar e não estudar aumentam, corroborando com os resultados encontrados por Tillmann e Comim (2016).

Além disso, parte da população “nem-nem” é composta por jovens que estão transitando entre ocupações ou saindo da vida na escola para a vida no mercado de trabalho (ou vice-versa). Menezes-Filho, Cabanas e Komatsu (2013) mostram que a duração da situação “nem-nem” é em média curta, o que implica uma situação transitória para a maioria dos jovens. Assim, a condição “nem-nem” só é preocupante para aqueles que estão nela há muito tempo e correm o risco de se tornarem permanentemente inativos.

Figura 1 - Proporção de jovens segundo a decisão entre estudar e/ou trabalhar por gênero no Brasil em 2023.



Fonte: Elaboração própria adaptado da PNAD/IBGE (2024).

Tabela 3 - Estimativa dos efeitos marginais da decisão dos jovens entre estudar e/ou estudar no Brasil (2023).

Variáveis	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1258* (0,0037)	-0,0399* (0,0031)	0,1631* (0,0042)	0,0027 (0,0031)
Idade	0,0170* (0,0004)	-0,0484* (0,0005)	0,0405* (0,0004)	- 0,0090* (0,0004)
Instrução	-0,0181* (0,0009)	-0,0005 (0,0008)	-0,0075* (0,0009)	0,0262* (0,0009)
Raça	-0,0072*** (0,0044)	0,0023 (0,0032)	-0,0095** (0,0047)	0,0143* (0,0032)
Cônjuge	0,0505* (0,0071)	-0,0507* (0,0121)	0,0199** (0,0084)	-0,0197* (0,0073)
Filho	0,0239* (0,0059)	0,0836* (0,0063)	-0,1066* (0,0063)	-0,0009 (0,0048)
Outros	0,0200* (0,0074)	0,0618* (0,0077)	-0,0622* (0,0081)	-0,0196* (0,0196)
RDpc	-0,0001* (0,035)	0,0001* (0,0147)	0,0005* (0,0185)	0,0002* (0,0156)
Tamanho da família	0,0041* (0,0015)	-0,0035* (0,0010)	0,0036** (0,0016)	-0,0041* (0,0013)
Urbana	-0,0281* (0,0046)	0,0096* (0,0034)	0,0083*** (0,0050)	0,0109** (0,0039)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Nota: * significativo a 1%, ** significativo a 5% e *** significativo a 10%. Os erros-padrão são robustos e se encontram entre parênteses.

O fato de o jovem ser filho ou cônjuge no domicílio também aumenta a probabilidade de o mesmo não trabalhar e não estudar, pois normalmente os cônjuges são as mulheres, bem como o tamanho da família, sendo reduzida conforme aumenta os anos de escolaridade (Instrução) e a renda domiciliar *per capita* (RDpc), ser branco e residir na zona rural. Estudos como o de Alcázar, Rendòn e Wachtenheim (2002) indicam que,

em países sul-americanos, os adolescentes no meio rural têm menor acesso a bens e serviços, o que dificulta a frequência escolar e o ingresso no mercado de trabalho. Ainda, o estudo mostra que o ambiente rural está associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, o que perpetua tais dificuldades.

Deve-se destacar que, quando o jovem ocupa a posição de cônjuge na família, sua probabilidade de estar fora do mercado de trabalho é aumentada em relação à posição de chefe. Esse resultado tende a ser especialmente condizente com a realidade quando se consideram as dificuldades que as mulheres jovens e que são casadas enfrentam para participar da força de trabalho, dado que acabam por se dedicar, quase que exclusivamente, à realização aos afazeres domésticos.

A variável referente à renda domiciliar *per capita* (RDpc) foi estatisticamente significativa para todas as equações. O sinal positivo do coeficiente era esperado para as outras categorias, exceto quando o jovem não estuda e não trabalha, dado que rendas maiores tendem a aumentar o salário de reserva dos indivíduos e, portanto, também elevam o salário exigido para aceitar um emprego. Silva e Kassouf (2002) e Fernandes, Lima e Santos (2008), confirmam este resultado, uma vez que, quanto maior a renda familiar, maiores as condições de o jovem ter formação educacional e preparo para o mercado de trabalho, aumentando, assim, sua empregabilidade, tudo o mais constante.

Analisando os efeitos marginais sobre a decisão dos jovens não trabalharem e não estudarem, verificou-se que, com relação à variável sexo, o fato do jovem ser do sexo masculino reduz em 12,5 pontos percentuais (p.p.) essa probabilidade; quando analisada no modelo em que o jovem só estuda, esta representa uma diminuição de, aproximadamente, 4 p.p. quando o jovem é do sexo masculino. O fato de o jovem ser do sexo masculino aumenta em 16 p.p. a probabilidade de se dedicar somente ao trabalho.

A variável Instrução tem efeito marginal negativo, reduzindo em, aproximadamente, 1,8 p.p. a probabilidade de o jovem não estudar e não trabalhar quando adicionado um ano de escolaridade. Esta escolha tem sua probabilidade elevada à medida que aumentam os anos de escolaridade. A média de instrução da amostra foi em cerca de 10 anos de escolaridade para esta categoria. Um ano a mais de instrução diminui em 0,75 p.p. a probabilidade de o jovem somente trabalhar, evidenciando que os jovens queiram possuir maiores níveis de instrução, para depois se inserirem no mercado de trabalho. Verifica-se ainda um aumento da probabilidade de o jovem decidir estudar e trabalhar em, aproximadamente, 2,6 p.p.

O efeito marginal quando o jovem assume a posição de cônjuge na família é significativo e tem sinais esperados no modelo. Aumenta em 5 p.p. em não trabalhar e não estudar e 2 p.p. por somente trabalhar e diminui em, aproximadamente, 5 p.p. no modelo em somente estudar e 2 p.p. por estudar e trabalhar. Verifica-se que esta posição na família influencia muito na decisão do jovem. Entretanto, o efeito marginal da renda domiciliar *per capita* não apresentou resultados surpreendentes. O efeito esperado é de aumento na probabilidade quando a renda aumenta, e sendo reduzida conforme a idade aumenta. O aumento de renda aumenta em menos de 1 (um) p.p. a probabilidade de o jovem dedicar-se somente aos estudos ou somente trabalhar ou estudar e trabalhar.

Os resultados corroboram com estudos já realizados como o de Silva e Kassouf (2002) e Tomás (2007) que encontram também que características individuais, como o sexo e a escolaridade, recursos familiares disponíveis e variáveis como idade apresentaram influência significativa sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Pela análise da Tabela 4, verifica-se que o jovem ser do sexo masculino reduz em 16,56 p.p. a decisão de ser “nem-nem” na região Norte, vindo em seguida as regiões Nordeste (13,99 p.p.), Centro-Oeste (13,36 p.p.), Sul (11,33 p.p.), e, por fim, a região Sudeste com uma redução nas chances de ser “nem-nem” do sexo masculino em 10,56 p.p. Esses resultados sugerem que em relação à probabilidade de trabalhar e de ser “nem-nem”

há um componente de discriminação de gênero. Portanto, se as mulheres estão em posição mais vantajosa quanto a de estudar, elas também estão em desvantagem sobre a condição de “nem-nem”. Os homens, por sua vez, estão em melhores condições no que se refere ao mercado de trabalho.

Verifica-se ainda que o fato do jovem ser cônjuge no domicílio aumenta em, aproximadamente, 4 p.p. a decisão em ser “nem-nem” para todas as regiões brasileiras. Esse resultado pode sinalizar que parte expressiva da explicação do elevado percentual de mulheres nesse grupo está relacionada aos filhos, pois, muitas delas, sem alternativa, precisam abandonar os estudos e o trabalho para cuidar da prole.

Tabela 4 - Estimativa dos efeitos marginais da decisão dos jovens entre estudar e/ou estudar por região geográfica do Brasil (2023).

Sudeste	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1056*	-0,0344*	0,1446*	-0,0045
	(0,0072)	(0,0057)	(0,0081)	(0,0061)
Idade	0,0137*	-0,0472*	0,0437*	0,0102*
	(0,0008)	(0,0011)	(0,0009)	(0,0009)
Anos de Estudo	-0,0204*	-0,0030***	-0,0087*	0,0323*
	(0,0019)	(0,0018)	(0,0020)	(0,0018)
Raça	0,0033	0,0198*	-0,0270**	0,0038
	(0,0075)	(0,0057)	(0,0086)	(0,0062)
Cônjuge	0,0483*	-0,0400*	0,0124	-0,0206
	(0,0138)	(0,0240)	(0,0176)	(0,0155)
Filho	0,0205***	0,0820*	-0,1194*	0,01687***
	(0,0111)	(0,0130)	(0,0120)	(0,0096)
Outros	0,0044	0,0462*	-0,0531*	0,0024***
	(0,0141)	(0,0145)	(0,0158)	(0,0196)
RDpc	-0,0001*	0,0001*	0,0003*	0,9246*
	(0,0001)	(0,0147)	(0,0185)	(0,0156)
Tamanho da família	0,0079**	-0,0085*	0,0049	-0,0044
	(0,0031)	(0,0021)	(0,0033)	(0,0028)
Urbana	-0,0096	0,0243*	-0,0292**	0,0145***
	(0,0100)	(0,0078)	(0,0117)	(0,0095)
Sul	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1133*	-0,0355*	0,1454*	-0,0034
	(0,0075)	(0,0069)	(0,0096)	(0,0081)
Idade	0,0127*	-0,0428*	0,0449*	-0,0148*
	(0,0008)	(0,0012)	(0,0011)	(0,0012)
Anos de Estudo	-0,0166*	-0,0008	-0,0184*	0,0358*
	(0,0014)	(0,0019)	(0,0020)	(0,0024)
Raça	-0,0007	0,0200*	-0,0317**	0,00124
	0,0007	(0,0071)	(0,0104)	(0,0092)
Cônjuge	0,0354*	-0,0584**	0,0452**	-0,0221
	(0,0124)	(0,0252)	(0,0184)	(0,0185)
Filho	0,0164	0,0664*	-0,0815*	-0,0013

	(0,0115)	(0,0159)	(0,0145)	(0,0126)
Outros	0,0246***	0,0631*	-0,0672*	-0,0205
	(0,0152)	(0,0207)	(0,0202)	(0,0170)
RDpc	-0,0001*	0,0001*	0,0004*	0,0001*
	(0,0181)	(0,0245)	(0,0178)	(0,0146)
Tamanho da família	0,0012	-0,0001	0,0130*	-0,0142*
	(0,0032)	(0,0028)	(0,0041)	(0,0037)
Urbana	0,0110***	0,0319*	-0,0486*	0,0056
	(0,0100)	(0,0083)	(0,0128)	(0,0183)
Norte	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1656*	-0,0547*	0,2041*	0,0162**
	(0,00097)	(0,0086)	(0,0101)	(0,0078)
Idade	0,0196*	-0,0492*	0,0375*	-0,0079*
	(0,0012)	(0,0012)	(0,0012)	(0,0011)
Anos de Estudo	-0,0155*	-0,0001	-0,0007	0,0161*
	(0,0019)	(0,0020)	(0,00200)	(0,0021)
Raça	0,0170***	0,0062	-0,0262	0,0029
	(0,0140)	(0,0109)	(0,0140)	(0,0099)
Cônjuge	0,0437**	-0,0254	0,0043	-0,0226
	(0,0209)	(0,0310)	(0,0185)	(0,0188)
Filho	-0,0020	0,1267*	-0,1028*	-0,0218**
	(0,0178)	(0,0201)	(0,0168)	(0,0125)
Outros	0,0194	0,0953*	-0,0710*	-0,0437*
	(0,0202)	(0,0217)	(0,0199)	(0,0163)
RDpc	-0,0001*	0,0001*	0,0006*	0,0001*
	(0,0001)	(0,0068)	(0,0138)	(0,0346)
Tamanho da família	-0,0001	-0,0078*	0,0076*	-0,0012
	(0,0001)	(0,0023)	(0,0029)	(0,0023)
Urbana	-0,0034	0,0550*	-0,0349*	-0,0166**
	(0,1141)	(0,0098)	(0,0116)	(0,0088)
Nordeste	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1399*	0,0436*	0,1784*	0,0052
	(0,0062)	(0,0054)	(0,0042)	(0,0042)
Idade	0,0239*	-0,0537*	0,0341*	-0,0043*
	(0,0008)	(0,0008)	(0,0007)	(0,0006)
Anos de Estudo	-0,0017*	0,0034**	-0,0017***	0,0158*
	(0,0012)	(0,0014)	(0,0012)	(0,0012)
Raça	0,0027	0,0104***	-0,0104***	-0,0027
	(0,0079)	(0,0061)	(0,0079)	(0,0092)
Cônjuge	0,0683*	-0,0656**	0,0183***	-0,0211**
	(0,0143)	(0,0226)	(0,0134)	(0,0107)
Filho	0,0374*	0,0737*	-0,1021*	-0,0090
	(0,0105)	(0,0118)	(0,0100)	(0,0060)

Outros	0,0416*	0,0574*	-0,0705*	-0,0285*
	(0,0131)	(0,0131)	(0,0126)	(0,0085)
RDpc	-0,0001*	0,0002*	0,0008*	0,0001*
	(0,0001)	(0,0002)	(0,0199)	(0,0146)
Tamanho da família	0,0014	-0,0009	-0,0003	-0,0001
	(0,0024)	(0,0018)	(0,0024)	(0,0016)
Urbana	-0,0332*	0,0118**	0,0053	0,0160*
	(0,0070)	(0,0054)	(0,0072)	(0,0051)
Centro-Oeste	Nem-nem	Só estuda	Só trabalha	Estuda e trabalha
Sexo	-0,1336*	-0,0373*	0,1649*	0,0060
	(0,0095)	(0,0085)	(0,0112)	(0,0090)
Idade	0,0134*	-0,0457*	0,0430*	-0,0108*
	(0,0012)	(0,0018)	(0,0014)	(0,0014)
Anos de Estudo	-0,0163*	0,0014	-0,0154*	0,0303*
	(0,0019)	(0,0027)	(0,0024)	(0,0026)
Raça	-0,0116	0,0295*	-0,0405*	0,0225*
	(0,0109)	(0,0086)	(0,0127)	(0,0093)
Cônjuge	0,0366**	-0,0501***	0,0260	0,0124
	(0,0168)	(0,0311)	(0,0222)	(0,188)
Filho	0,0185***	0,0834*	-0,1053*	-0,0033
	(0,0149)	(0,0181)	(0,0170)	(0,0135)
Outros	0,0025	0,0495**	-0,0474**	-0,0046
	(0,0019)	(0,0208)	(0,0216)	(0,0173)
RDpc	-0,0001*	0,0001*	0,0001*	0,1000*
	(0,0001)	(0,0002)	(0,0199)	(0,0146)
Tamanho da família	0,0056	0,0030	-0,0038	-0,0047
	(0,0037)	(0,0032)	(0,0045)	(0,0037)
Urbana	-0,0517*	0,0025	0,0260***	0,0231***
	(0,00700)	(0,0126)	(0,0174)	(0,0157)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Nota: * significativo a 1%, ** significativo a 5% e *** significativo a 10%. Os erros-padrão são robustos e se encontram entre parênteses.

Entre as variáveis de controle, destaca-se a escolaridade da pessoa de referência, de modo que um aumento nos anos de estudo do jovem diminui em 2 p.p. para a região Sudeste, 1,6 p.p. para a região Sul, 1,5 p.p. para a região Norte, 0,17 p.p. para a região Nordeste e 1,6 p.p. para a região Centro-Oeste, a decisão em ser “nem-nem”. Em contrapartida, um aumento nos anos de estudo do jovem aumenta a probabilidade de estudar e trabalhar em 3,6 p.p. para a região Sul, 3,2 p.p. para a região Sudeste, 3 p.p. para a região Centro-Oeste, 1,6 p.p. para a região Norte e 1,6 p.p. para a região Nordeste. Tal resultado vai ao encontro do trabalho de Tillmann e Comim (2016).

Além da escolaridade, o fato do jovem ser filho no domicílio aumenta a probabilidade de ser “nem-nem” 3,7 p.p. para a região Nordeste, 2 p.p. na região Sudeste e 1,8 p.p. para a região Centro-Oeste em relação à condição de chefe da família. Ademais, o fato de o jovem residir no meio rural é uma variável relevante para explicar a decisão em não estudar e não trabalhar. Conforme Mattos *et al.* (2006, p. 357), isso decorre,

provavelmente, da maior dificuldade de implantação de políticas sociais no meio rural, assim como de fiscalização de sua eficácia. A probabilidade de o jovem residir no meio urbano apresentou um efeito significativo e negativo de o jovem ser “nem-nem” em 3,3 p.p. para o Nordeste e positivo na probabilidade de o jovem ser nem-nem ao residir no meio urbano em 1,1 p.p. para a região Sul em relação ao meio rural. Tillmann e Comim (2016) encontraram que viver no meio rural é um dos principais fatores de risco da condição de “nem-nem”, corroborando os resultados obtidos.

Assim, verificou-se com base nos resultados encontrados, conclui-se que homens brancos são pouco propensos à condição “nem-nem”. Observa-se, portanto, que os determinantes do perfil de um jovem pertencente à condição ocupacional “nem-nem” se diferem consideravelmente daqueles referentes ao jovem classificado como “nem-nem”, principalmente quanto ao gênero e à situação de residência: mulheres e moradores do meio rural, por exemplo, estão muito mais propensos ao fato de viver sem estudos e sem trabalho. Ademais, jovens que vivem em regiões mais desenvolvidas têm menor probabilidade de permanecer fora da escola e do mercado de trabalho, haja vista que nessas regiões há mais oportunidades para o jovem trabalhar e estudar.

5. Considerações finais

A transição dos jovens para a vida adulta é marcada por transformações importantes que refletem as condições econômicas, sociais e culturais que caracterizam a vida desses jovens. Formar uma nova família, seja através do casamento e/ou da maternidade/paternidade e se inserir no mercado de trabalho são escolhas diretamente influenciadas pela trajetória de vida prévia dos jovens, muitas vezes marcadas pela reprodução de padrões de desigualdade e exclusão.

Nesse contexto, o objetivo principal deste trabalho foi o de analisar os fatores que influenciam a alocação de tempo entre estudar e/ou trabalhar dos jovens nas diferentes regiões brasileiras, com foco na geração nem-nem. Para tanto, escolheu-se como objeto de estudo os jovens com idade entre 15 e 29 anos, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do ano 2023.

De modo geral, verificou-se que a proporção de jovens que não estudam e não trabalham apresentou comportamento diferenciado entre homens e mulheres. Deve-se destacar que, quando o jovem ocupa a posição de cônjuge na família, sua probabilidade de estar fora do mercado de trabalho é aumentada em relação à posição de chefe. Esse resultado tende a ser especialmente condizente com a realidade quando se consideram as dificuldades que as mulheres jovens e que são casadas enfrentam para participar da força de trabalho, dado que acabam por se dedicar, quase que exclusivamente, à realização de tarefas domésticas.

Estatisticamente, os resultados mostraram que a decisão do jovem de só estudar tem sua probabilidade elevada à medida que aumentam os anos de escolaridade (Instrução) e a renda domiciliar per capita (RDpc), sendo reduzida conforme a idade aumenta. O caso em que o jovem ocupa a posição de filho no domicílio apresentou sinal negativo na equação de somente trabalhar, indicando que o jovem prefere estudar a trabalhar. O fato de o jovem ser do sexo masculino aumenta a probabilidade de somente se dedicar ao trabalho. O efeito marginal quando o jovem assume a posição de filho na família é alto, e tem sinais esperados no modelo, aumentando a probabilidade em somente se dedicar aos estudos e diminuindo a probabilidade em somente trabalhar. Verifica-se que esta posição na família influenciou muito na decisão do jovem em só estudar.

Os resultados obtidos indicam ainda que quanto mais velho for o jovem, maior é a probabilidade de ele apenas trabalhar ou estudar e trabalhar, sendo que o maior efeito é a probabilidade de só trabalhar. Por outro lado, observa-se que quanto mais avançada é

a idade do jovem maior a probabilidade de ele ser “nem-nem”. Pelos resultados, destaca-se ainda a heterogeneidade das regiões geográficas brasileiras no que tange à geração “nem-nem”, sendo que os jovens que vivem em regiões mais desenvolvidas têm menor probabilidade de permanecer fora da escola e do mercado de trabalho.

Do ponto de vista econômico, há evidências de que a educação contribui significativamente para elevar a produtividade dos trabalhadores e consequentemente contribui para o desenvolvimento do país. Constatou-se que os jovens trabalhadores têm mais dificuldades de investir em sua educação, os quais possuem as menores taxas de escolarização e consequentemente menores níveis de escolaridade. Isso compromete o futuro desses jovens, os quais devem reproduzir as condições sociais vigentes, onde os mais pobres têm menos escolaridade e trabalham mais, perpetuando o ciclo da pobreza.

Portanto, esses resultados sugerem a necessidade de formular políticas públicas que visem a preparar melhor os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. É preciso adotar medidas que garantam acesso à educação de qualidade, já que a probabilidade de desemprego tende a diminuir à medida que aumenta a educação, bem como mantê-los inseridos nesta fase de aprendizagem para uma posterior inserção no mercado de trabalho, visando melhores oportunidades e salários.

Referências

ALCÁZAR, L.; RENDÒN, S.; WACHTENHEIM, E. Working and Studying in Rural Latin America: critical decisions of adolescence. Inter-American Development Bank Research Network Working Papers #R-469, 2002.

BASTOS, R. L. A. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente na Região Metropolitana de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo, v.23, n. 2, pp. 301-315, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982006000200007>

BUKOWSKI, M.; LEWANDOWSKI, P. Assessing flows out of employment in Poland: evidence from multinomial logit analysis, 9 de novembro de 2005. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/23746875> Acesso em: 20/09/24.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; PASINATO, M.T.; KANSO, S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 1-29. (Texto para discussão; 1038). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1876/1/TD_1038.pdf Acesso: 15/08/24.

CAMERON, A. Colin; TRIVEDI, Pravin K. *Microeconometrics Using Stata*. Stata Press, College Station, Texas, 2009.

FERNANDES, R.; PICHETTI, P. Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, pp. 87-112, 1999. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3416/3/PPE_v29_n01_Analise.pdf Acesso: 20/10/24.

FERNANDES, R. A. S.; LIMA, J. E.; SANTOS, C. M. A exclusão social de mulheres jovens, com idade entre 15 a 24 anos, no mercado de trabalho no Brasil. *Revista de Economia e Administração*, v. 7, n. 2, pp. 125-136, 2008. Disponível em: 10.22004/ag.econ.108575

Acesso em: 10/09/24.

FREIJE, S., LOPEZ-CALVA, L. F. Child labor and poverty in Venezuela and Mexico. In Congresso da NIP (Network of Inequality and Poverty) no Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=ca0f56984b8c8e48797f42aa73d5cf843fa4297b> Acesso em: 25/07/24.

GREENE, W. H. *Econometric Analysis*. 6 ed. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2008, 1026 p.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. *Econometria básica*. 5ª edição. Rio de Janeiro: McGraw Hill Brasil, 2011, 920 p.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua 2023: microdados: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

LEME, M. C.; WAJNMAM, S. A alocação de do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12. 2000. Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2000.

LEONE, E.T.; PRONI, M.W. (orgs.) *Facetas do Trabalho no Brasil Contemporâneo*. Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho. Instituto de Economia/UNICAMP: Coleção Centros e Núcleos, 2021.

MATTOS, L. B. et al. Efeitos do trabalho infantil sobre a educação na região Nordeste do Brasil. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 37, n. 3, jul.-set. 2006. <https://doi.org/10.61673/ren.2006.651>

MELLO, J. L. *Transições para a vida adulta: os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro*. 2005. 148 f. Dissertação de Mestrado em Demografia e Estudos Populacionais. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2005.

MENEZES-FILHO, N. A. (coord.) *Adolescents in Latin America and Caribbean: examining time allocation decisions with cross-country micro data*. São Paulo: FIPE/USP, 2002. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1814728>

MENEZES-FILHO, N. A.; PICHETTI, P. Os determinantes da duração do desemprego no Brasil, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 30, n. 1, pp. 23–48, 2000. <https://repositorio.usp.br/item/001311704>

MENEZES FILHO, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. A condição “nem-nem” entre os jovens é permanente? São Paulo: Insper, 2013. (Policy Paper, n. 7). <https://repositorio.insper.edu.br/handle/11224/6268>

MOREIRA, G. C.; TEIXEIRA, E. C. Transmissão Intergeracional do Trabalho Infantil no Brasil. *Pesquisa e Planejamento econômico*, v. 45, n. 2, ago. 2015.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Transition to work. In: LLOYD, C. B. (Ed.) Growing up global: the changing transitions to adulthood in developing countries, panel on transitions to adulthood in developing countries. Washington, D.C.: National Academic, 2005. p.263-345.

OLIVEIRA, E. L. Transições: três aplicações a partir de dados das pesquisas domiciliares no Brasil. 2005. 137 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, J. L.; ROSA, A. L. T. Uma análise dos determinantes da alocação de tempo dos jovens cearenses entre estudar e trabalhar. Ceará: INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE, Texto para discussão, n. 35, 2007, 27 p.

OLLIKAINEN, V. Gender Differences in Transitions from Unemployment: Micro Evidence from Finland. LABOUR, 20: 159-198, 2006. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9914.2006.00337.x>

REIS, M. Transições do desemprego para o emprego entre os jovens. Mercado de trabalho, Rio de Janeiro: IPEA, n. 55, 2013, 4 p. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3797>

SANTOS, R. Trabalho e educação entre jovens de 15 a 29 anos residentes no campo: desafios à ampliação da escolaridade. Rev. bras. Estud. pedagog., Brasília, v. 98, n. 250, p. 596-623, set./dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i250.2982>

SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, pp. 99-115, 2002.

TILLMANN, E.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 46, n. 2, ago. 2016. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7290>

TOMÁS, M. C. Renda de não trabalho e alocação do tempo de crianças e jovens: uma análise para 2003. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 15, 2006, Caxambu, MG. Desafios e oportunidades do crescimento zero. Campinas: ABEP, 2006. 19 p.

TOMÁS M. C. O ingresso dos jovens no mercado de trabalho: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas. Belo Horizonte – MG. Universidade Federal de Minas Gerais/Cedeplar 2007. Dissertação de Mestrado. Centro de desenvolvimento e planejamento regional da Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG.

